

patelo à rede que colhe o caranguejo ou mexoalho; e rasco à da lagosta. As redes da sardinha são do mestre, e as da pescada dos pescadores. Os quinhões dividem-se conforme o peixe. No Agosto começa a faina do patelo, assim se chama ao mexoalho ou pilado, que se deita vivo à terra para estrume. Junta-se no mar uma esquadra de barcos que vem da Póvoa, de Viana e de Caminha; junta-se na praia uma fiada de carros de todas as aldeias, próximas ou longínquas, que o transportam para o interior das terras. O areal está alastrado de patelo, que remexe. Vende-se a laço ou a cesto que leva cada um dois alqueires. E por toda a parte na costa, neste tempo, vai a mesma agitação na apanha do sargaço. O mar escachoa em toda a vasta praia erichada de rochedos, onde incessantemente homens e mulheres apanham, secam, dobram em mantas, carregam nos carros, a dorso de jericos, ou simplesmente à cabeça, o sargaço e as algas que, com o patelo, são o alimento e a fartura destas terras. As mulheres, de gadanho e ancinhos, de saia ensacada e perna à mostra, apanham as algas na flor das ondas ou no fundo das poças quando a maré vasa; rapam-na das pedras esverdeadas; estendem-na no areal a secar ou despejam-na nos carros enquanto os bois pastam as ervas rasteiras e amargas que crescem à beira-mar, salpicadas de espuma.

«... É de Montedor que melhor se abrange este quadro cheio de movimento e de luz; e ao mesmo tempo o panorama, azul para o norte até à Galiza, verde para o sul até Viana.» (Cf. Raul Brandão — *Pescadores*).

Fronteira Galaico-portuguesa ⁽¹⁾

Dispõe-se em dois sectores: a *Raia seca* (ao longo das serras de Orense), denominação horrível de carabineiros e

(1) Por D. Ramon Otero Pedrayo (trad. de Augusto Casimiro).

N.B. — Portugal e Galiza, unidade ocidental, atlântica, prematura flor da Europa estendida, ao mundo do Ocidente, só têm por fronteiras o sonho e o desejo imortal traduzidos na geografia do espírito pelo Letes, o rio das vagarosas margens... A «fronteira» histórica é uma cicatriz. Tocar-lhe faz doer. Por isso falaremos dela com dor e piedade. Como é um facto histórico, temos de aceitá-la, provisoriamente resignados, e dedicar-lhe uma lembrança objectiva e passageira.

Não podemos determinar as razões desta demarcação fronteiriça, que não sabemos se corresponde ao necessário equilíbrio de tensões temporais. Segui-la-emos, no entanto, nos seus dois sectores. Encontraremos por vezes uma passividade triste, a da paisagem cortada, mutilada por grades e portadas; outras vezes, pressente-se a poderosa realidade

contrabandistas, e a *Raia húmida*, formada pelo rio Minho, em face da província de Pontevedra.

Orense corresponde à Galiza interior, montanhosa e arcaica, mãe de rios e canções. Pontevedra à Galiza atlântica, toda florida de vales e de *rias*. Por suas raízes espirituais valem mais as unidades eclesiásticas, pois são baseadas na tradição e nas relíquias dos mártires que dão prestígio aos seus altares. São os bispados meridionais da Galiza, o de Orense, com o seu patrono S. Martinho, promotor da conversão dos Suevos, e Tuy com São Telmo, seu padroeiro e dos navegantes, mais São Paio (ou



ALTO MINHO — CUMES DA SERRA DO GERÊS. (VISTA DA ESTRADA QUE LIGA O GERÊS À CANIÇADA)

Pelaio-menino), símbolo da Espanha — (ou das Hispânicas).

Bragança e Braga, com idêntica raiz e devoção, correspondem-lhes no mundo português.

A *fronteira de Orense* ou *Raia seca* vai da Fonte dos Três Reinos, no lugar onde se encontram e confundem terras de Leão, de Galiza e de Portugal, até o Minho, na foz do seu afluente Barjas. Esta linha vai de Este a Oeste, com variadas, mas pouco importantes inflexões até à entrada do *rio Límia* (ou *Lima*) em Portugal. Desde este ponto até

incompreensível das imposições oficiais e então tentaremos esquecer a tristeza dos regulamentos da fronteira. Isto, por vezes, faz rir por fora, enquanto por dentro sorvemos as lágrimas. — R.O.P.

encontrar o Minho a fronteira segue uma direcção N.-S., a Oeste da Vila de Bande.

A província de Orense só num pequeno troço (do Lindoso à Portela do Homem) contacta com o distrito de Braga. Da Portela para Nascente é já a severidade de Trás-os-Montes.

Até Montalegre a terra fronteiriça obedece, na sua morfologia, na dinâmica dos seus rios, à poderosa chamada do grave sulco de vida que é o vale do Douro mirandês, na cortadura ciclópica da Meseta.

Na região galega domina o tipo alto e severo, pouco rico de formas dos montes, e até da serra, mais pastoril que agrícola, de linhas lançadas em amplas curvaturas, vales iniciais dotados de uma parca juvenil alegria, como o de Mente e o do Diabredo. São vagos relevos da Serra Seca e Secundera. A paisagem é severa. Só a animam agora os espaçados grupos de *castanheiros*. Perto da fronteira, em alguns sectores, passa o velho caminho de Galiza a Zamora, de tantas lendas e contos.

O *vale do Tâmega* forma uma bela e característica região natural, com admiráveis e grandes evocações. Geograficamente é um vale quase perfeito. Corresponde-se nele Verin e Chaves, remota diocese do bispo Idácio. A parte espanhola forma o arcediagato de Baronceli, da diocese de Orense. No seu centro estava a acrópole de *Monterrey*, com seu grupo de castelos, conventos e escolas. ⁽¹⁾

Do alto de *Monterrey* domina-se um horizonte que é uma lição de história e morfologia.

São interessantes as paisagens da Serra de Penas Libres.

O Tâmega forma uma das artérias poéticas de Portugal. O máximo poeta de línguas latinas deste século, *Teixeira de Pascoais*, teve seu solar e planetário mirante junto das suas águas (p. 593).

Depois de Verin e da Gironda impõem-se-nos as severas paisagens das serras de Baltar e Laboreiro. Formam-nas montanhas em cúpulas de largas áreas de velha vida pas-

(1) O pequeno território de Vilar de Bos, muito chegado à fronteira, é tema dum belo livro, *Vilar de Bos*, de Sílvio Santiago.

Monterrey, foco de cavalheirismo e de cultura, depois uma melancólica ruína — que nos nossos dias se está, belamente, refazendo. Sobre *Monterrey*, Taboada Chivite publicou, em 1960, uma formosa monografia.

O grande dramaturgo Tirso de Molina visitou este vale e refere-se à sua beleza e costumes das gentes em *Mari Hernandez, la Gallega*.

Nos cimos e pendores abundam os monumentos pré-históricos, romanos e da alta Idade Média.

O Lima (ou Límia) ordena-se em tempos, em andamento cuja expressão se podia comparar aos duma saudosa sinfonia patética...⁽²⁾ Então começa a fronteira de Pontevedra, nas alturas de Castro Laboreiro.

Desde Arbo a Valadares o Minho liberta-se da dura travessia e vai entre vertentes já cobertas de vegetação meridional. Rio feito, de amplos e lentos meandros, com predomínio de formas de acumulação, poderoso, rico das achegas dos vales galelos que acorrem ao seu chamar. O mais belo entre estes é o de Tea. Paisagens românicas e belas. Formosas montanhas galegas, algumas destacadas, como as da Serra Papadanta e os cimos de antigas cidades orgulhosas.

Romarias de *Ribateme* e, mais para o interior, da Franqueira, Salvaterra, com a sua velha nomeada aguerrida..., Aqui importa saudar Monção e o seu poeta, João Verde.

A grande figura lendária destas margens é a de Pedro Madruges. Nos seus acordes de écloga devem ser lidos os *Cancioneros*.

Tuy, com seus arredores e o seu mundo, — a sua diocese, — deve ser estudado pelo seu matiz especial de cultura galaico-portuguesa. Camões lá diz em seu poema:

Da soberba *Tuy*, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas
Que por armas, tu, Sanche, humildes tinhas...

(III — Est. LXXXIX)

A *Citânia de Santa Tecla* e o significado místico e religioso do monte daquele nome são bem conhecidos. No cimo desse incomparável ladário e miradouro do rio e do mar, pensemos na descrição de Caminha, de Raul Brandão, nos seus *Pescadores*. Ali se compreende, até à plenitude, a exaltação do azul, do grande Escritor.

Todo o Sul da Galiza e o Norte de Portugal se casam nesse azul, pairando, como um manto, sobre o mar e as montanhas!

Que pequeno livro, formoso e doloroso, podia escrever-se sobre estas fronteiras!

(1) Sobre *Tuy* há páginas e evocações muito certas nos *Recuedos de un viaje a Santiago de Galicia*, de P. Fita e no melhor livro sobre a Galiza. — *Galicia* (1888), de Manuel Murguía.

(2) O *embalse das Conchas* desfigurou um tanto a antiga topografia.